

O triunfo da fantasia— Os desenhos animados

por ALVES COSTA

Não sei se os senhores têm ido às matinées das quartas-feiras no «S. João», ver os desenhos animados. Pela minha parte, sempre que me é possível, não tenho faltado.

Os programas, talvez por dificuldades de organização ou porque o acolhimento do público não tenha sido compensador, nem sempre são bons. Mas têm-me permitido —à parte o prazer muito grande de ver essas fantasias tantas vezes admiráveis—estudar a evolução dos desenhos animados. Antigos e modernos, seis ou sete desses filmes são exibidos por sessão. Assim é fácil apreciar o seu grau de crescente desenvolvimento e perfeição.

Primeiro, apenas a negro e branco, a historiazinha era um quasi nada. Os bonecos dansavam, tocavam ou cantavam, em atitudes inesperadas no meio de achados surpreendentes de imaginação. Depois, a história começou a ter mais sentido. Alguns «Mickey» chegam mesmo a ganhar emoção. Na própria construção do

filme tenta-se com êxito imitar a construção das outras fitas. Por fim surgem os desenhos a côres, destacando-se logo as «Silly Simphonies», de Walt Disney. Ai toda a ingenuidade das histórias infantis, das fábulas, surge envolta na mais incrível fantasia. E muitas dessas encantadoras historiazinhas trazem a sua sã moral.

La Fontaine, algumas vezes, fica a perder de vista.

«A Lebre e a Tartaruga», «Os 3 Porquinhos», «The Country Cousin» (exibido há pouco no Rivoli, com «As 3 Paixões»), «Elmer The Elephant», são filmes de concepção admirável. A originalidade e a fantasia, desencadeadas, já não têm limites. A perfeição e expressão do desenho e a surpreendente policromia do seu colorido atingem extraordinário encanto.

Os actuais desenhos animados são um consolador banho de luz, de alegria sã, de bom gosto, de beleza. Abrem horizontes sem fim para lá de tudo quanto possamos imaginar. São um mundo novo de maravilhas e de surpresas. E nós, que tantas vezes, em vão, procuramos nos «filmes sérios» coisas diferentes, novas, originais e belas, temos-as, para além dos nossos desejos, nessas pequeninas fitas. São ainda os desenhos animados que muitas vezes nos fazem manter a fé e a confiança no cinema, em tantas ocasiões tão abaladas pelo desgosto de vermos essa arte levada sem rumo por maus pilotos e que poucos sabem, ou podem, conduzir pelos caminhos próprios e que lhe competem.

ERRATAS

Na secção «Antologia», o artigo saído no número anterior intitula-se *Os Onze Sentidos* e não como, por lapso tipográfico, appareceu. Nos *Trechos selectos dos grandes filósofos contemporâneos*, do mesmo número, deve rectificar-se o nome do autor de Nibaud, como saiu, para Thiebaud.

Transscição

O artigo «Pureza—romance de José Lins do Rego», de Afonso Ribeiro, foi integralmente transcrito pela revista brasileira *Vamos Ler*.

Agradecemos.

sobre a liberdade na arte

por Branca de Oliveira

A carta de José Régio a Armando Martins no n.º 21 de «Sol Nascente» sugeriu-me estas considerações.

Estranharam-se as incompreensões entre idealistas e bergsonianos, mas são bem mais salientes as que se vão desenhando entre aquelas ao lado de outras velhas correntes, e a juventude actual. ¿Onde reside a explicação? Não me parece que possa encontrar-se na « falta de disciplina da actividade pensante », na carência do condão que « alicia », em deficiências artísticas ou na má vontade, mas sim na distância, cada vez mais larga, das posições históricas em que os fenómenos nos colocaram, produtoras elas de diferentes métodos—latitudes gerais de acção e pensamento.

Procede daqui, no pensar da juventude, a razão de nos acharmos tão longe de todos vós, inteligentes e sensibílissimos símbolos de realidades marcantes no tempo de nossos pais, ainda que tenteis apresentá-las sob rótulos como o da LIBERDADE DO ESPÍRITO na «Seara», ou o de ESPONTANEIDADE PURA na «Presença» e demais «renovações».

Decerto encontramos já, nalguns, vislumbres de renovação mais profunda, mas de maneira geral não acompanham o desenvolver das forças da História.

José Régio, por exemplo, fala como se em Arte só existissem duas posições: *fanatismo* e *livre arbítrio*, o que não é exacto. Cada dia mais pujante se está a engendrar um terceiro termo — síntese. Essa arte existe já na nossa terra, *tão desconhecida e desprezada*. Célula do desenvolvimento geral, ela vai nascendo no pulsar social, elo do qual se sente em amarguras e felicidade. Se vós nos apregoastes tanto a necessidade da Arte viva, — e supomos sincero esse interesse, — ela aí vai surgindo *vivamente* facetada, porque construída *na e para* a vida, da época como nenhuma, e por isso prolongando-se no futuro...

Para os *novos* artistas e escritores, não há só imposição ou arbitrariedade — esta, também imposição social embora inconsciente — vai havendo também *liberdade*. E que é a liberdade?

Indaguemos a claridade do labor intelectual secular, vejamos a última ilusão do livre arbítrio no aparecimento do «indeterminismo atómico», que tantos entusiasmos provocou na Academia das Ciências e nas Universidades, e concluímos — contra as visões pseudo-críticas *sub specie aeternitatis* e as espontaneidades do Sr. Bergson, tão salientes durante a Grande Guerra — que ser livre é integrar-se em *leis*, nas da realidade, é evidente. E a Arte livre e viva, por consequência, tem de ser, não uma imposição ou capricho, mas a transformação, segundo leis, das realidades estéticas anteriores, com o novo sangue do homem, superando-se.